

A HISTÓRIA DA LITERATURA E A COMPREENSÃO DOS MEANDROS DA SOCIEDADE INGLESA DA BAIXA IDADE MÉDIA

MÁRCIA MARIA DE MEDEIROS*

Resumo: Geoffrey Chaucer é visto pelos intelectuais como um dos maiores escritores de língua inglesa de todos os tempos. Sua obra monumental, *The Canterbury Tales (Os contos da Cantuária)*, externa a história de um grupo de peregrinos que vai de Londres até Cantuária visitar o túmulo de São Thomas Becket. No caminho, cada peregrino conta uma história, e no conjunto das mesmas desfilam muitos dos diferentes estilos literários da Idade Média, assim como no conjunto dos peregrinos, se retrata um cenário da sociedade inglesa do período em questão, a saber, os anos que compreendem os séculos XIV e XV. Esse artigo pretende traçar um panorama da literatura inglesa até o aparecimento de Geoffrey Chaucer como expoente da mesma, retratando as principais características de sua obra maior e a articulação desta com o espaço histórico e social no qual o poeta estava contido.

Palavras-chave: Literatura medieval; História medieval; Geoffrey Chaucer.

Abstract: *The history of literature and the understanding of the english society at the Lower Middle Age. Geoffrey Chaucer is seen as one of the most important writers of all time. His monumental work, The Canterbury Tales, tells the story of a group of pilgrims going*

* Doutora em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) e docente da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). E-mail: <marciamaria@uems.br>.

from London to Canterbury to visit the tomb of St. Thomas Becket. On the way, each pilgrim tells a story, and in the set of this scenery many different literary styles of the Middle Ages show up, the pilgrims depict a scenery of English society of the period in question, namely, the years that include the XIV and XV centuries. This article intends to give an overview of English literature until the appearance of Geoffrey Chaucer as an exponent of it, depicting the main features of his greatest work and the link with the historical and social space in which the poet lived.

Key-words: *Medieval literature; Medieval history; Geoffrey Chaucer.*

O século XIV apresenta aos interessados nos estudos da literatura britânica um caminho deveras truncado, inicialmente devido a uma discrepância de linguagem que ocorria entre as classes sociais: aristocracia e clero serviam-se do latim e do francês como forma de expressão, e o povo falava um dialeto parecido com o de hoje. Percebe-se, por esse fato, que o país não possuía uma unidade linguística.

Tal processo é um espelho da conjuntura histórica na qual a Inglaterra nasceu, pois ela foi invadida por várias tribos de origem germânica depois que deixou de ser uma província romana por volta do século V.¹ Paulo Vizioli assim se refere sobre o assunto:

Ao se retirarem da Inglaterra no ano de 410 d.C., os romanos deixaram a população do país, da raça céltica e cristianizada, sem proteção contra os ataques das tribos germânicas da península dinamarquesa e do norte da Alemanha atual. E, de fato, esses povos não tardaram a invadir

¹ Tribos de origem germânica são os chamados bárbaros, todos aqueles que moravam fora das fronteiras do império romano e não falavam latim.

a ilha, em levas sucessivas e cada vez mais numerosas. Primeiro vieram os jutos, que se instalaram no Kent; depois os saxões, que deram origem aos reinos de Wessex, Sussex e Essex, e os anglos, que fundaram os reinos de East Anglia, Mécia e Nortúmbria. Os bretões, incapazes de conter a avançada retiraram-se para o norte da França (na região que a partir de então recebeu o nome de Bretanha), ou para o país de Gales e Cornualha, onde organizaram a resistência sob o comando de chefes que mais tarde se tornariam legendários [...].²

Como se percebe pela citação a convivência entre esses povos nem sempre foi pacífica, mas entreveros a parte, o século X já vai encontrar a Inglaterra como uma só nação, governada por um rei que pertencia a uma casa real (linhagem), com uma igreja única (a Católica), e falando uma só língua onde eram escritos os documentos oficiais e onde se registrava a produção literária em língua vernácula.³

No entanto, o ano de 1066 marca uma profunda transformação na história britânica: os normandos, vindos do norte da França, invadem a ilha e promovem grandes transformações naquele espaço. Há que se salientar que eles vêm para ficar e tentar impor a sua própria cultura. Dessa forma, a nobreza francesa toma o lugar da inglesa e faz do francês a língua oficial da corte, permanecendo o latim como o dialeto clerical por excelência.

Segundo Anthony Burgess, na obra *A literatura inglesa*, os normandos

² VIZIOLI, Paulo. *História da literatura inglesa*. 2. ed. São Paulo: Nova Alexandria, 2001, p. 7.

³ Sobre o assunto, ver: LE GOFF, Jacques. *A civilização do ocidente medieval*. São Paulo: EDUSC, 2005 e ANDERSON, Perry. *Passagens da antiguidade ao feudalismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

[...] eram, de fato, do mesmo sangue dos dinamarqueses mas haviam absorvido completamente a cultura do último império romano, tinham se convertido ao cristianismo há muito tempo e falavam aquele ramo do latim a que chamamos o francês normando. Desse modo, seu reino na França tinha um conjunto de tradições muito diferente daquele do país que conquistaram. Podemos resumi-lo dizendo que o estilo normando de vida parecia-se com o do sul – voltado para o Mediterrâneo, para o sol, para o vinho e para o riso –, enquanto o estilo anglo-saxão de vida parecia voltado para os mares cinzentos do norte – austero, pesado, melancólico, sem humor.⁴

Nesse contexto, a literatura em prosa aos poucos parecia extinguir-se, juntamente com toda a literatura anglo-saxônica. Isso porque, as línguas de cultura da Inglaterra passariam a ser o latim (idioma do clero) e o francês (ou dialeto franco-normando). O inglês, relegado à condição de instrumento de comunicação das classes subalternas, simplificou-se ao extremo e, quando recuperou o seu prestígio, já era outra língua, o chamado inglês médio.⁵ Ademais, corrobora o fato de que a leitura nesse período era uma atividade gregária: feita em voz alta, com o objetivo de divertir ou ilustrar a classe dominante, no caso os senhores feudais e de alta nobreza. Em alguns momentos, era possível perceber-se a arte do canto ou da recitação que, nesse caso, atingia também as camadas sociais menos favorecidas.

⁴ BURGUESS, Anthony. *A literatura inglesa*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1999, p. 31.

⁵ Inglês médio é o nome dado pela linguística histórica para a forma de língua inglesa falada entre a conquista da ilha pelos normandos em 1066 e os finais do século XV. Tal conceito corresponde a uma catalogação de tipo linguístico, a qual aufere as condições da língua inglesa nesse período.

O que havia de produção literária estava restrito aos mosteiros, sendo Beda, o Venerável um dos nomes mais representativos, o qual escreveu em latim a obra *História eclesiástica do povo inglês*, onde transmite dados interessantes e úteis a respeito da origem da Inglaterra. Sobre a produção de Beda, Vizioli afirma que a

[...] formação latina de Beda, espantosa em confronto com a época e o lugar, reflete, de certo modo, a permanência da herança clássica nas Ilhas Britânicas, conservada inicialmente pela Igreja céltica da Irlanda e transportada depois para a Escócia (mosteiro de Iona) e para a Nortúmbria.⁶

A invasão normanda, no entanto, colocou o dialeto francês em um lugar de destaque na ilha: ele se tornou a ferramenta dos poetas, pois era a língua dos vencedores. E os poetas, dependentes do mecenato dos nobres, nele irão escrever: um dos exemplos desse gênero é o ciclo arturiano, o qual narra às aventuras do rei Artur e dos cavaleiros da Távola Redonda, e que ilustra bem a medida da influência francesa no contexto, pois as histórias são de origem céltica, de períodos anteriores ao da invasão saxônica, mas chegam à Inglaterra via França. Sobre o assunto, informa Fernando Galván:

La moda francesa es tan influyente que hará, por ejemplo, que un tema de origen británico, como las leyendas en torno al rey Arturo, se hagan populares en Inglaterra después de que se importen desde Francia. Pues aunque Arturo es un héroe local y sus hazañas y las de sus caballeros transcurran en gran medida en territorio británico, sólo se popularizan en Inglaterra a raíz del éxito que tienen en Francia los *romans* de Chrétien de Troyes.⁷

⁶ VIZIOLI, op. cit., 2001, p. 9.

⁷ GALVÁN, Fernando. *Literatura inglesa medieval*. Madrid: Alianza Editorial, 1999, p. 88.

A produção literária dirigida às classes mais baixas sofria menos influência da cultura francesa: assim, pode-se dizer que havia uma produção literária em francês para as cortes, e a literatura em vernáculo que se concentrava mais nas mãos da Igreja, e cujos representantes escreviam visando instruir o povo sobre as questões bíblicas e concernentes à vida cristã.

Paulo Vizioli também concorda com as assertivas preconizadas pelo intelectual espanhol, como se percebe na apresentação da obra *Os contos da Cantuária*, a qual ele traduziu para o português:

[...] foram os modelos franceses que determinaram os *gêneros* e boa parte da *temática* da literatura em inglês médio. É o que se pode constatar, por exemplo, na poesia lírica, com suas “canções” de derivação provençal (como as “reverdies” e as “vilanelles”), seus instrutivos “debates” entre animais (como o debate entre *A Coruja e o Rouxinol*, que contrapõe o pragmatismo racional ao esteticismo emocional), suas encantadoras “visões” (que vieram na esteira do *Roman de la Rose*, traduzido por Chaucer) e suas “baladas” aristocráticas, fiéis aos moldes da corte de Paris. A presença francesa, na verdade, se faz notar em praticamente todas as obras, desde aquelas de caráter popular, como os “fabliaux”, maliciosos e às vezes indecentes, até os “romances de cavalaria”, com seus dois ciclos principais, o Arturiano (sobre o rei Artur e os Cavaleiros da Távola Redonda) e o Antigo (sobre as figuras da antiguidade clássica). E nos trabalhos em prosa, quase sempre, não se pode sequer falar em imitação ou adaptação, mas em tradução direta, como se verifica em inúmeros sermões, tratados morais e relatos de viagens [...].⁸

⁸ CHAUCER, Geoffrey. *Os contos da Cantuária*. São Paulo: T. A. Editor, 1988, p. IX. Os grifos acompanham o original. Ver também CHAUCER, Geoffrey. *The Canterbury Tales*. Londres: Penguin Books, 2003.

Sobre as canções, pode-se dizer que esse tipo de composição era comum em toda a lírica europeia, e foram revestidas de certa sofisticação técnica, convertendo-se em modelos de lírica amorosa, quando nas mãos dos trovadores. Na tradição francesa encontra-se uma ampla variedade de tipos de canção a partir do século XII, que são imitados na poesia inglesa como a canção de aventura (onde o poeta narra às aventuras que lhe sucederam ao sair de casa em determinada manhã) ou a canção da mal casada (onde se ouvem as queixas de uma mulher casada).

Em relação aos gêneros que a citação contempla, dois deles deixaram uma tradição literária marcante: a fábula e os *fabliaux*. A primeira tem uma larga tradição clássica, como se sabe e pode ser associada aos bestiários medievais. Sua vigência na Inglaterra medieval posterior a conquista normanda se deve principalmente a influência francesa.

A fábula se caracteriza por breves relatos protagonizados por animais que representam comportamentos humanos, de tal forma que servem como ilustração e lição de moral sobre os vícios e as virtudes do ser humano. Muitas delas têm como finalidade não somente a crítica ou sátira de comportamentos humanos, com finalidades exemplares, senão também o puro entretenimento.

Os *fabliaux* compõem-se de um gênero narrativo realista e em verso, que contem um humor grosso e vulgar, contrastante com o tom cortês dos romances. Seu nascimento na literatura francesa tem

lugar entre os séculos XII e XIII e associam-se ao surgimento das assim chamadas novas classes médias. Segundo alguns críticos eles teriam sido criados para um auditório aristocrático ou de classe alta, que se deleitava em ouvir histórias cômicas envolvendo mercadores e artesãos que viviam nas cidades, dos quais obviamente burlavam.

Mas, *a posteriori*, o gênero se converteu na expressão própria dessa nova classe social, a qual, segundo Galván, “disfrutaba con relatos de molineros y mercaderes, de artesanos y clérigos, que habitaban los burgos, apartados cada vez más del castillo y el sistema feudal.”⁹ Esses contos estavam cheios de episódios indecentes, como adultérios ou fofocas; ou de brincadeiras grosseiras que buscavam arrancar gargalhadas do auditório; e também estavam repletos do burlesco e do satírico contra determinados tipos humanos ou profissionais.

Os *fabliaux* não tinham nenhum apelo moral como as fábulas, porque sua finalidade não era mais que divertir e entreter. Apesar disso, alguns deles foram adaptados por clérigos e convertidos em *exempla*, isto é, em advertências morais sobre comportamentos indevidos das quais usavam os pregadores com a finalidade de ilustrar seus sermões.

A população também dispunha de formas de entretenimento, como, por exemplo, as baladas, canções curtas que narravam histórias de amor ou aventuras de heróis, como o caso de Robin Hood, o bom ladrão que rouba dos ricos e dá aos pobres, e que representa a versão popular dos cavaleiros heróis que acompanham Artur em

⁹ GALVÁN, op. cit., 1990, p. 90.

suas aventuras. Ao lado das baladas, existe ainda a representação de peças sobre milagres ou mistérios da religião e que servem como diversão popular. Seus atores eram cidadãos comuns que encenavam essas peças durante as grandes festividades religiosas.

Segundo Cevasco e Siqueira, essas

[...] formas populares de arte eram, é claro, em língua inglesa – não a mesma língua arcaica de *Beowulf*, mas um outro estágio de sua evolução que, se não a traz ainda para o inglês que conhecemos hoje, é uma forma desse idioma por nós reconhecível como tal e que se convencionou chamar de *Middle English*.¹⁰

Ademais destes laivos devidos à influência normanda, a literatura inglesa apresenta outras características que são generalidades comuns a todas as literaturas medievais européias e que convém recordar de forma breve nesse estudo. Em primeiro lugar, a impessoalidade e o anonimato constituem um fator fundamental na hora de avaliar a produção literária medieval, sobretudo até o século XIV.

Fernando Galván assim se refere sobre o assunto:

La transmisión textual así lo demuestra, pues tanto los textos anglosajones como los de los primeros siglos del inglés medio son en su inmensa mayoría anónimos. Los copistas (que eran clérigos) no se preocupaban por dejar constancia de la autoría, ni siquiera del título del texto [...] aunque esta descripción es exacta y cierta, y refleja el rechazo de la comunidad monástica al concepto de individualidad poética, a partir de los siglos XII y XIII empieza paulatinamente a notarse un crecimiento sostenido de la individualidad.¹¹

¹⁰ CEVASCO, Maria Elisa; SIQUEIRA, Valter Lellis. *Rumos da literatura inglesa*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1993, p. 9.

¹¹ GALVÁN, op. cit., 1990, p. 90-91.

Assim, lentamente o autor pede ao leitor de forma humilde (pois na maioria das vezes esse leitor é chamado de nobre) que lhe preste atenção e tenha piedade dele, explicando ao leitor quem ele é e de que família descende, além de declinar qual era a sua posição. A princípio esses detalhes são mínimos, mas com o passar do tempo e especialmente na segunda metade do século XIV, e mais claramente no XV, o autor se identificará abertamente, declarando suas intenções e pedindo explicitamente apoio ao protetor. Assim, aos poucos vai se construindo um conceito de individualidade e de autoria, abandonando-se pouco a pouco o sentido coletivo da obra literária.

Essa questão fica clara no final do texto de Thomas Malory, *La muerte de Arturo*, como se pode perceber pela citação a seguir, onde o cavaleiro se declara como autor da obra:

Aqui termina el libro entero del rey Arturo, y de sus nobles caballeros de la Tabla Redonda, que estando todos juntos fueron en número de ciento cuarenta. Y aqui termina la muerte de Arturo. Ruego a todos vosotros, gentiles hombres y damas que leéis este libro de Arturo y sus caballeros de principio a fin, que rogueis por mí mientras estoy vivo, para que me envíe Dios buena liberación, y cuando haya muerto, os ruego a todos que oréis por mi alma. Pues este libro fue acabado el noveno año del reinado del rey Eduardo IV por sir Thomas Malory, caballero, con ayuda de Jesús por Su gran poder [...].¹²

Em segundo lugar, é importante lembrar que o autor medieval não tem a mesma concepção que o autor moderno no que se refere à questão da originalidade, de modo que uma tradução poderia

¹² MALORY, Thomas. *La muerte de Arturo*. Madrid: Siruela, 2005, p. 513-514.

ser reconhecida como uma obra original. Uma obra poderia sofrer alterações devido a modificações inconscientes promovidas por um auditório (uma canção trovadoresca, por exemplo), ou então, devido às mudanças conscientes de um copista ou compilador que muitas vezes a alterava por considerar apropriado, sem se preocupar com a obrigação de respeitar a obra do redator original.

O terceiro elemento que denota profunda transformação é a incorporação do público feminino à recepção literária. As mulheres tornam-se protagonistas inquestionáveis de grande parte da literatura deste período, pois a poesia não estará mais dirigida única e exclusivamente aos guerreiros e seus feitos de cavalaria, os quais se entretinham em salões ouvindo as gestas heroicas declinadas pelos bardos. A partir de então, as mulheres formarão parte do auditório nos castelos e salões das cortes, passando a exigir que seus desejos fossem levados em conta, e que a literatura de então também as representasse.

É importante frisar que a mulher passa, a partir desse momento, a ser também parte das histórias que se contam e escrevem principalmente devido a uma nova lírica, com a qual se desenvolveu o amor cortês, somente para citar um exemplo.¹³ Ademais, mesmo sendo um assunto relativamente pouco pesquisado existem investigações sobre

¹³ LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário temático do ocidente medieval*. São Paulo: EDUSC, 2006, v. 1.

a função desempenhada pelas mulheres na produção literária e sua possível presença por trás daquela habitual etiqueta de textos tidos como anônimos.¹⁴

Independente das transformações citadas anteriormente, a partir de 1244 a política novamente vem influenciar a literatura, desta vez em um sentido de unificação: nesse ano um decreto dos reis da Inglaterra e da França proibiu a posse de terras por uma mesma pessoa nos dois países. Assim, os nobres franceses que permaneceram na Inglaterra foram se tornando cada vez mais ingleses e em meados do século XIV o chamado *middle english* (ou dialetos dele), era falado em todos os cantos do país.

Enfim, estavam criadas as condições para uma literatura de língua predominantemente inglesa, retomando-se assim o fio condutor que fora interrompido com a invasão normanda, mas ainda faltava à literatura inglesa um condigno representante. Uma das possibilidades que levou a esse processo pode ser encontrada no fato de que a passagem do século XIII para o XIV não significou uma profunda transformação no mundo literário e, quiçá, no tecido social que compunha a Inglaterra.

Assim, a primeira metade do século XIV é, na visão de Fernando Galván, a continuação fluída da literatura do século XIII:

¹⁴ DUBY, George; PERROT, Michelle. *História das mulheres no ocidente*. Porto: Afrontamento, 1990, v. 2.

Es decir, la situación lingüística sigue siendo, en términos generales, la misma en la primera mitad del siglo XIV, y la producción en latín y francés mantiene su importancia e influencia. Gran parte de las obras de entretenimiento, como los romances, siguen escribiéndose en francés y circulando en los ambientes cortesanos y cultos en esa lengua, todavía dominante. El inglés, cuyo despegue progresivo hemos podido apreciar en algunos poemas y en la prosa religiosa del siglo XIII, mantiene asimismo su ‘especialización’ en esta primera mitad del nuevo siglo en los temas religiosos.¹⁵

A partir da citação de Galván, é possível dizer que, no contexto específico do início do século XIV, a vida cultural ainda orbitava em torno dos mosteiros e das grandes casas senhoriais, sendo que a influência da igreja continuava vultosa, pois a tônica dos poemas e peças prosseguia com a edificação; e o importante não é o mundo que cerca o indivíduo, mas sim a vida eterna, para a qual o momento presente é apenas uma etapa de preparação. No entanto, apesar dessa situação vale salientar que, desde o século XIII e logicamente também na primeira metade do XIV, já se compõem romances em língua inglesa, os quais vão aos poucos diversificando a temática da literatura em inglês.

Esse espaço de literatura em língua inglesa se dilata a partir da segunda metade do século XIV, graças ao aparecimento de poetas de grande mérito, como Geoffrey Chaucer. Sobre esse processo Fernando Galván afirma que

[...] todos ellos [os poetas] disponíam de una herencia literaria en inglés que cabría calificar de escasa o poco brillante. Es decir, la poesia inglesa era para ellos [...] un terreno de escaso interés estético, especializadas

¹⁵ GALVÁN, op. cit., 1999, p. 147.

como estaba en el didactismo moral y religioso. Para Chaucer, como para sus contemporáneos, es evidente que el francés les brindaba un campo de actuación más seguro, ya que en esa lengua – que seguía siendo la lengua de las clases cultivadas – existía una tradición de géneros, de léxico y dicción poética de gran riqueza.¹⁶

A poesia de Chaucer era feita para os cortesãos e membros das classes médias próximas da corte, pois estes grupos estavam familiarizados com a literatura francesa e latina. A obra de Geoffrey Chaucer foi se desenvolvendo em um universo rico em transformações de cunho histórico e social, entre elas: a Guerra dos Cem Anos, a Peste Negra, e a revolta dos camponeses.

Acredita-se que Chaucer tenha nascido por volta do ano de 1340, momento em que a Inglaterra já passava pela Guerra dos Cem Anos, um conflito que a envolveu em um confronto bélico com a França, o qual ajudou no desenvolvimento da identidade nacional inglesa, principalmente frente à França e a outras nações européias, como frente ao papado. A Guerra dos Cem Anos foi a primeira grande guerra européia que provocou modificações profundas na vida econômica, social e política do ocidente europeu. A questão dinástica que a desencadeou ultrapassou o caráter feudal das rivalidades político-militares da Idade Média e marcou o teor dos futuros conflitos entre as grandes monarquias da Europa.

Tendo morrido por volta de 1400, Geoffrey Chaucer assistiu por três vezes a praga conhecida como Peste Negra ceifar vidas em

¹⁶ GALVÁN, op. cit., 1999, p. 149.

seu país. Segundo estudos, entre um terço e a metade da população inglesa desapareceu em consequência dessa doença em um período de tempo relativamente pequeno (dezoito meses). Esta situação trágica afetou de forma notável a questão da mão de obra agrícola, pois os camponeses foram reduzidos radicalmente pelas ondas de Peste.

Ao sofrimento humano que esse acontecimento significou para a população, se somam as perdas econômicas para o sistema feudal. Muitos camponeses morreram e muitos outros perderam sua relação com o senhor feudal, ao fugir da Peste Negra e retornar para seus lugares de origem. Os poucos camponeses que permaneceram tornaram-se valiosos para os senhores que até então os haviam explorado na condição de servos. A situação se modifica diante desse contexto de escassez de mão de obra e os camponeses se organizam e se rebelam contra as injustiças cometidas pelo sistema que lhes era imposto, como, por exemplo, a cobrança exagerada de taxas.

Esse descontentamento popular atingiu também o clero, possuidor de grandes fortunas e quantidades de terra, e que em muitos casos projetava uma imagem de corrupção. Nesse mesmo contexto nascem na metade do século XIV, os movimentos de reforma religiosa liderados por nomes como John Wyclif.¹⁷

Em meio a esses acontecimentos outras questões foram se desenrolando como, por exemplo, o desenvolvimento do comércio e a vida na cidade, sendo que a economia lentamente vai se tornando

¹⁷ LUIZETTO, Flávio. *Reformas religiosas*. São Paulo: Contexto, 1998.

mais monetarista. Observa-se também o surgimento do individualismo nas cidades, o qual, ao lado do pragmatismo, foram valores sociais que nasceram na sociedade inglesa em que viveu Geoffrey Chaucer.

Sobre a influência dessas questões na obra de Chaucer, Fernando Galván informa que em

[...] sus obras [...] hay ecos de muchos de estos aspectos mencionados, aunque es cierto que este escritor no puede considerarse un cronista de su tiempo, ya que no dedicó ninguna de sus obras a contar la realidad circundante. [...] Pero si aparecen inevitablemente alusiones indirectas, como la pobreza del francés hablado por la priora, o las severas críticas contra la corrupción de las bulas de indulgencia, o la burla contra los romances y los valores de la caballería [...], entre otras, todas ellas em *The Canterbury Tales*.¹⁸

Assim, é preciso salientar que a segunda metade do século XIV, onde Geoffrey Chaucer escreve a sua obra, não é um período uniforme, mas sim um momento em que confluem movimentos e conflitos de diversas naturezas.

Geoffrey Chaucer não era de origem camponesa e nem de origem nobre. Ele era filho de um comerciante, pertencendo, portanto, a uma classe social que estava em ascensão, qual seja ela, a burguesa. Entretanto, sua ligação com a aristocracia é inegável, como explica Paulo Vizioli:

Seu pai deve ter sido pessoa de certa influência, pois conseguiu colocá-lo como pajem junto ao Príncipe Lionel, terceiro filho do rei Eduardo III, dando-lhe assim a oportunidade de familiarizar-se com o manejo

¹⁸ GALVÁN, op. cit., 1999, p. 152.

das armas e a etiqueta da corte, de ampliar os seus conhecimentos em latim e francês, e de completar a sua formação com a leitura de autores antigos e contemporâneos.¹⁹

A associação de Geoffrey Chaucer com a realeza estimulou as suas atividades literárias e oportunizou-lhe aprofundar seus contatos com os grandes centros culturais e artísticos do continente europeu, devido às missões diplomáticas que realizava no exterior, incumbido das mesmas pelo rei Eduardo III.

Chaucer contribuiu sobremaneira para com a literatura inglesa e isso por várias razões: primeiramente porque, para escrever suas obras, ele se utilizou do dialeto inglês falado em Londres, o qual não era rico em palavras e não possuía uma literatura importante com a qual ele pudesse aprender alguma coisa.

Em segundo lugar, o autor inglês é um pioneiro no que se refere à formação da língua de seu país: para escrever sua obra ele teve de criar a língua inglesa da forma como ela é conhecida hoje e estabelecer suas tradições literárias. Para executar esse processo, ele precisou se voltar, em um primeiro momento, para a literatura francesa e trazer algo de sua elegância para o inglês falado em Londres. Acabou também por esquadrihar contos e histórias europeus a fim de encontrar inspiração para os assuntos de que tratam seus textos.

¹⁹ CHAUCER, op. cit., 1988, p. X.

Em *The Canterbury Tales* Chaucer acabou por encontrar seu território e concedeu à literatura inglesa algo que nunca fora visto antes. A partir desse conjunto de poemas proporcionou um quadro que demonstrava como a vida era vivida, criando imagens de pessoas que eram, de certa forma, reais e não apenas quimeras abstratas.

Os peregrinos que narram as suas histórias no transcórper do poema formam um gigantesco painel da sociedade inglesa do período, já que neles estão representados desde o nobre até o campônio. Algumas dessas personagens serão, indubitavelmente, apenas tipos, mas a maioria delas nasceu da observação direta do autor e, por isso, constituem-se em figuras de uma vivacidade impressionante, de grande individualidade, atestando transformações de cunho estilístico que permitem chamar Geoffrey Chaucer de precursor do humanismo na Inglaterra.

A obra *The Canterbury Tales* representa a fusão da tradição literária europeia e livresca com a língua inglesa. Fernando Galván se refere a esse texto como algo que denota:

La realidad circundante, la geografía, los paisajes y paisajanes de la Inglaterra de su época desfilan como en un gigantesco fresco por las páginas de este libro. Pero evidentemente este magno cuadro lleno de vida y animación, este retrato portentoso de un mundo en ebullición, no se habría conseguido con la gracia, la soltura, la extrema flexibilidad de la que aquí hace gala Chaucer si no antes no se hubiera entrenado en las literaturas extranjeras de las que se nutrió extensamente.²⁰

²⁰ GALVÁN, op. cit., 1999, p. 163.

O ponto de partida que enseja *The Canterbury Tales* é uma romaria com uma caravana de vinte e nove peregrinos, aos quais se junta o próprio Chaucer. Essa peregrinação tem como objetivo uma visita à cidade de Cantuária, onde está o túmulo de Santo Thomas Beckett. Para se divertirem durante a longa viagem, o albergueiro da taverna do Tabardo, sugere ao grupo que cada um narre quatro histórias, duas na ida e duas na volta, prometendo ao melhor narrador um jantar como prêmio.

A essência de *The Canterbury Tales* é constituída dessas histórias, as quais apresentam elos entre si, juntamente com o Prólogo Geral onde os romeiros são apresentados um por um. Segundo Paulo Vizioli, se

[...] Chaucer tivesse sido fiel a seu plano, a obra deveria conter nada menos que cento e vinte histórias. O plano contudo, não era rígido (tanto assim que o Cônego e seu Criado se agregaram à comitiva em plena estrada). Além disso, o próprio autor logo se deu conta de sua impraticabilidade, havendo no texto claros indícios de que ele alterou o ambicioso projeto original a meio caminho, substituindo-o por uma concepção mais modesta, onde a cada peregrino caberia o encargo de apenas um ou dois contos.²¹

Um dos grandes méritos da principal obra de Chaucer consiste em expor aos olhos de seus leitores e leitoras um panorama geral da vida medieval, o qual se inicia no Prólogo Geral, onde se explana sobre a vasta galeria de tipos representativos das várias camadas da sociedade, desde a nobreza, passando pela burguesia até a classe popular.

²¹ CHAUCER, op. cit., 1988, p. XIV.

Esta galeria de personagens é uma grande expressão da literatura medieval e mesmo universal. Através das descrições feitas por Chaucer se tem um conhecimento de primeira mão sobre as condições sociais, econômicas e morais da Inglaterra de final do século XIV. Assim desfilam aos olhos de quem lê o texto práticas que envolvem interesses materialistas (como o mercador), mas também práticas que deveriam ter como premissa o abandono das riquezas materiais e do dinheiro (como o médico).

Cabe salientar que embora Chaucer não fosse um reformador social (basta lembrar que ele abre *The Canterbury Tales* com o Conto do Cavaleiro, símbolo dos ideais de cavalaria, e encerra com o Conto do Pároco, símbolo dos ideais cristãos) isso não quer dizer que ele fechasse os olhos para a realidade de seu tempo, demonstrando ser sensível às mazelas sociais e aos problemas do período. Vizioli se refere dessa forma ao assunto:

É preciso, porém, que se levem em consideração outros fatores, tais como: 1º) a inclusão de fidalgos e mendigos na romaria iria ferir os princípios do realismo, porque, como os primeiros dispunham de séquito próprios e os segundos não dispunham dos mínimos recursos para o custeio da viagem, nenhum representante desses dois grupos extremos jamais se incorporaria à comitiva descrita; 2º) embora ausentes do Prólogo, os aristocratas e os pobres são abordados no corpo de vários contos, completando assim o quadro social da época; 3º) a aceitação das bases ideológicas da sociedade em que vivia e a preferência por uma atitude estética objetiva (em lugar de panfletária) não significam que o escritor fechasse os olhos à realidade de seu tempo.²²

²² CHAUCER, op. cit., 1988, p. XV.

Nada escapa à sátira de sua pena. Em alguns contos ele aponta a decadência dos valores da cavalaria, em outros denota a usurpação das prerrogativas da nobreza pela burguesia mercantil a qual parecia querer enobrecer. Existem ainda personagens que são ambiciosos por demais, ou que exploram o povo. Chaucer se nega a idealizar as classes mais baixas, revelando abertamente suas trapanças. Mas, é contra a igreja que seus escritos se tornam mais ferinos.

Em *The Canterbury Tales*, Chaucer não representa somente a sociedade medieval. Seu texto mostra também um panorama da cultura e da literatura do período, como bem demonstra Fernando Galván:

Los cuentos que nos relatan estos peregrinos, abaracan prácticamente todos los géneros medievales, ya que se incluyen has el tedioso sermón en prosa que relata el párroco, o el género del ejemplo moral (*exemplum*), también en prosa, como es la ‘Historia de Malibea’, narrada por el próprio Chaucer. Pero en verso hay todo tipo de géneros: el romance, que es presentado con total seriedad por el caballero, o el escudero, y de forma burlesca y satírica por Chaucer (en la ‘Historia de Sir Thopas’); el *flabiau*, en los cuentos del molinero, el alguacil, el mayordomo, el cocinero, el fraile, el mercader y otros, el *lai*, en el cuento del hacendado; los milagros, como en el cuento de la priora; las tragedias, como en los cuentos del cura o el del médico; las fábulas de animales, como en los cuentos del cura, de la monja y del intendente; las historias de santos, como en el relato de la segunda monja; e incluso historias de hadas de ambiente artúrico, como la que cuenta la comadre de Bath, etc.²³

Assim, e a partir das considerações deste autor, pode-se dizer que Chaucer realiza um feito sem igual em toda a literatura medieval, pois cria não somente uma gama de personagens muito

²³ GALVÁN, op. cit., 1999, p. 166.

diversos, aos quais caracteriza com seus próprios registros linguísticos e psicológicos, mas também recria a variedade de gêneros e modos narrativos da época.

Quando o leitor ou leitora se entretém com as páginas de *The Canterbury Tales*, percebe que existe aí uma admirável flexibilidade de linguagem, pois o autor passa do estilo mais elevado e elegante, para o mais grosseiro ou para o mais fantástico e sugestivo, em função dos requisitos de cada gênero, de cada conto ou de cada situação.

Mas segundo Paulo Vizioli, o texto de Chaucer não apenas ilustra gêneros literários diferentes como também

[...] parece focalizar propositalmente uma ciência ou mais, dando-nos assim uma ampla visão da cultura da época. Consequentemente encontramos extensas referências à medicina ('O Conto do Cavaleiro'), à alquimia ('O Conto do Criado do Cônego), à teologia ('O Conto do Frade'), à magia ('O Conto do Proprietário de Terras'), ao comércio e às finanças ('O Conto do Homem do Mar'), à filosofia, à retórica e assim por diante, para não se falar da astrologia, de que o poeta era estudioso apaixonado e à qual faz alusões em quase todas as narrativas.²⁴

Os críticos e historiadores da literatura têm a obra de Geoffrey Chaucer e em especial, *The Canterbury Tales*, em alta consideração, pois nela se pode encontrar um resumo da literatura medieval. Destarte, Chaucer pode ser catalogado como o "padre de las letras inglesas", um criador sem igual, pelo menos até a chegada de William Shakespeare.²⁵

²⁴ CHAUCER, op. cit., 1988, p. XVI.

²⁵ GALVÁN, op. cit., 1999, p. 167.

A característica mais peculiar de Chaucer é a de ser um poeta vivo, que fala para o mundo de hoje tão claramente como falava para sua própria época. Essa, sem dúvida, é a qualidade que lhe confere grandeza.

O retrato social e cultural que ele constrói do período não tem apenas o mérito do valor histórico. Quando se voltam os olhos para o passado e se ri da carga de superstições da ciência medieval, ou das limitações daquele tempo; quando se mira com admiração casos de opressão, espoliação e corrupção, como os descritos nas páginas do texto; o estudioso ou estudiosa fica a se perguntar como os seres humanos no futuro verão a ciência do século XX e XXI, ou mesmo se do medievo para o mundo contemporâneo houveram de fato mudanças e transformações sensíveis e, se existiram, se foram para melhor ou pior, em relação aos abusos e injustiças que se cometiam naqueles dias e nos dias atuais.

Dito isto, há que se referendar que *The Canterbury Tales* oferece um norte para que se observe a situação da própria sociedade contemporânea em termos de seu progresso e de seus avanços. Assim é possível, a partir da leitura deste livro, perceber alguns elementos para a compreensão da sociedade em que se vive atualmente. Daí a atualidade deste livro e de seu autor, pois ele permite conceber através de suas entrelinhas, como se davam (dão) as relações entre os indivíduos e dos indivíduos para com a sociedade.

Referências

Bibliografia

ANDERSON, Perry. *Passagens da antiguidade ao feudalismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BURGUESS, Anthony. *A literatura inglesa*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1999.

CEVASCO, Maria Elisa; SIQUEIRA, Valter Lellis. *Rumos da literatura inglesa*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1993.

DUBY, George; PERROT, Michelle. *História das mulheres no ocidente*. Porto: Afrontamento, 1990, v. 2.

GALVÁN, Fernando. *Literatura inglesa medieval*. Madrid: Alianza Editorial, 1999.

LE GOFF, Jacques. *A civilização do ocidente medieval*. São Paulo: EDUSC, 2005.

_____; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário temático do ocidente medieval*. São Paulo: EDUSC, 2006, v. 1.

LUIZETTO, Flávio. *Reformas religiosas*. São Paulo: Contexto, 1998.

MALORY, Thomas. *La muerte de Arturo*. Madrid: Siruela, 2005.

VIZIOLI, Paulo. *História da literatura inglesa*. 2. ed. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.

Fontes

CHAUCER, Geoffrey. *Os contos da Cantuária*. São Paulo: T. A. Editor, 1988.

_____. *The Canterbury Tales*. Londres: Penguin Books, 2003.

Recebido em 15 de março de 2012; aprovado em 12 de junho de 2012.